



Miguel Rolando Covian, a interface entre ciência e filosofia: diálogo com Aristóteles e Ortega Y Gasset

Miguel Rolando Covian, the interface between science and philosophy: dialogue with Aristotle and Ortega y Gasset

Marcos Candido

Università Pontificia Salesiana
Itália

Resumo

Este estudo analisa dois importantes artigos escritos por Miguel Rolando Covian – *Ciência, técnica e humanismo* e *Ciência e religião* – onde o autor aborda a questão do conhecimento humano e os complexos aspectos constituintes da realidade. Dada a crise humanística e a hipertrofia do olhar que caracteriza a cultura moderna, Covian propõe, à luz das contribuições oferecidas por Aristóteles e José Ortega y Gasset, expandir o uso da razão humana considerando a multidimensionalidade do real e como subseqüente decorrência, a complementaridade dos saberes. Deste modo, um fecundo intercâmbio dos resultados obtidos através das investigações científicas e filosóficas aparece como princípio epistemológico necessário que permite ao Homem elaborar um esboço mais adequado do mundo enquanto tal.

Palavras-chave: ciência; filosofia; conhecimento humano

Abstract

This study analyses two important articles written by Miguel Rolando Covian – *Science, technique and humanism*, and *Science and religion* – where the author addresses the issue of human knowledge and the complex aspects regarding everyday life. Given the humanistic crisis and the hypertrophic look that characterizes modern culture, Covian suggests, in the light of the contributions from Aristotle and Ortega y Gasset, to expand the use of human reason considering the multidimensionality of the real and as a subsequent result, the complementarity of the knowledge. In this way, a fruitful exchange of results obtained through scientific and philosophical research appears as necessary epistemological principle that allows the Man to develop the most suitable world as such.

Keywords: science; philosophy; human knowledge

Introdução

No início da obra “*Metafísica*”, Aristóteles (IV a.C./2004), diz que “*todos os homens por natureza tendem ao saber*” (A 1, p. 3). O problema do conhecimento humano foi uma questão determinante em suas pesquisas orientando em direção a uma articulada e complexa visão da realidade, esta considerada em seus aspectos físicos e metafísicos. Tal consideração sobre realidade deu marcha a certa tradição que no Ocidente especialmente, ainda hoje, vem compartilhada por inúmeros pensadores e homens de Ciência.



Miguel Rolando Covian¹, que se insere dentro desta “corrente ainda oculta, porém caudalosa do Humanismo” empregou uma relevante parte do seu tempo ao estudo do problema do Homem e da complementar articulação dos saberes, pois como autêntico homem de ciência evitou limitar o estudo da realidade aos seus aspectos meramente mensuráveis ou quantificáveis, o que foi chamado por ele, de “pequena parcela da realidade” (Covian, 1975/2007a, p. 52).

O interesse de Covian por uma visão totalizante da realidade e por um uso adequado da razão traduziu-se numa intensa vivência acadêmica aberta às várias facetas do ambiente universitário sendo isto atestado pelo empenho sério e rigoroso de suas pesquisas que o coloca entre um dos mais importantes pesquisadores para o desenvolvimento da neurofisiologia no Brasil, pela participação em projetos de grande relevância para a formação dos estudantes como no caso da elaboração do projeto de criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras no Campus da USP de Ribeirão Preto e pelo cuidado e atenção para com os relacionamentos dentro da comunidade acadêmica.

Com o objetivo de alicerçar suas investigações científicas e filosóficas sobre bases teóricas confiáveis e capazes de favorecer uma leitura abrangente da complexidade do real, Covian entrou em contato com diferentes autores ligados à tradição filosófica. Assim, a relação estabelecida com os autores em questão – Aristóteles e Ortega y Gasset – é resultado de uma operação intencional e criteriosa feita por Covian que identificou no pensamento destes autores um arcabouço de princípios capaz de auxiliá-lo no seu intento. Deste modo, foi a partir do estudo dos próprios artigos escritos por Covian que individuamos estes dois autores empregados neste nosso estudo.

A partir de “Ciência, técnica e humanismo” e “Ciência e religião”, que são os artigos aos quais se dedica esta nossa análise, buscaremos identificar no pensamento de Covian, as contribuições teóricas colhidas por ele no diálogo com Aristóteles e Ortega y Gasset², cujas

¹ Miguel Rolando Covian nasceu em Rufino, Província de Santa Fé, Argentina, em 07 de Setembro de 1913. Estudou na Faculdade de Medicina da universidade de Buenos Aires, graduando-se no ano de 1942. Logo após sua graduação, durante o primeiro governo de Perón, um grupo de professores, dentre eles o Dr. Bernardo Alberto Houssay, por opor-se publicamente, através de um abaixo-assinado ao regime vigente, fora expulso da universidade. Este grupo deu origem a um centro de pesquisas chamado “Instituto de Biología y Medicina Experimental”. Covian atuou neste instituto até 1948 indo depois para os Estados Unidos aprofundar seus conhecimentos em neurofisiologia. Após seu regresso fora nomeado pelo Dr. Houssay chefe do laboratório de neurofisiologia do Instituto de Biología y Medicina Experimental de 1952 à 1955. Em 1955, fora convidado por Zeferino Vaz, então reitor da recém criada Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto, a colaborar nos projetos desta nova faculdade, sendo que em abril daquele ano assumiu o cargo de professor catedrático contratado. Sob sua direção o Departamento de Fisiologia consolidou-se como um prodigioso centro de pesquisas sendo reconhecido como Centro de Treinamento pela Organização dos Estados Americanos (OEA) e pela Associação Latino-americana de Ciências Fisiológicas (ALACF).

² “José Ortega y Gasset (1883-1955), estudou filosofia na Universidade de Madri, continuando de 1905 a 1907 seus estudos nas Universidades de Leipzig, Berlim e Marburgo. Nesta última, filosoficamente a mais importante, foi discípulo de Hermann Cohen. A partir de 1910, tornou-se catedrático de Metafísica na Universidade de Madri, afastando-se do ensino e da Espanha em 1936, com a guerra civil, vivendo na França, Holanda e Portugal e regressando ao seu país nos últimos anos de vida. Desde 1902 exerceu grande atividade como escritor. Por sua



obras são parte integrante de sua biblioteca pessoal conservada junto à Universidade de São Paulo, campus Ribeirão Preto.

1. A irredutibilidade do conhecimento humano

Em “Ciência e religião”, Covian apresenta o conhecimento humano como uma faculdade que permite ao Homem investigar dois aspectos distintos porém complementares da realidade, ou seja, o mundo dos fenômenos, compreendido como tudo aquilo que me aparece aos sentidos e, suas causas. Assim, segundo Covian (1979), “diante de um objeto material confluem dois tipos de conhecimento: o conhecimento dos sentidos e o conhecimento do intelecto”, sendo que “este último procura uma solução ascendente ou ontológica” e outro “procura uma solução descendente” colocando-se a serviço do sensível, observável e especialmente o mensurável (p. 6).

Covian traz à luz um problema de grande relevância para o diálogo contemporâneo entre Ciência e Filosofia, que de algum modo decorre da grande “reviravolta” epistemológica verificada na passagem do período medieval ao período moderno. Com o nascimento da Ciência Moderna, a ênfase dada ao conceito de causa e, igualmente ao próprio conceito de Ciência, sofreu um sutil “deslocamento” produzindo grandes efeitos com uma progressiva incomunicabilidade na condizância dos resultados provenientes da especulação filosófica e da *Nuova Scienza*.

O pensamento Aristotélico é uma importante chave teórica para aprofundar tais pontos apresentados por Covian, pois igualmente para Aristóteles, o Homem possui o conhecimento das coisas em dois diferentes níveis. Existe um conhecimento comum à todas as pessoas, proveniente dos sentidos e um outro tipo de conhecimento que é mais restrito, ou seja, aquele tipo de saber que investiga o porquê ou as causas dos fenômenos. Assim, conforme uma exemplificação dada por Aristóteles (IV a.C./2004), podemos dizer que através dos sentidos sabemos que ocorre certo eclipse lunar e solar, pois para esta forma de saber é suficiente a percepção sensível. Mas, para conhecer o porquê do eclipse não nos são suficientes as sensações, pois através do raciocínio, devemos superar o nível meramente empírico e por meio de certo empenho reflexivo, partindo dos dados sensíveis colhidos, chegar até a sua causa. Igualmente, podemos dizer que, um nível de conhecimento é o saber que determinado remédio combate certa doença, e pode ser aplicado a esta ou a todas as

colaboração na imprensa, por seus livros e conferências, exerceu decisiva influência na vida espanhola. Especialmente com a fundação, em 1923, da Revista do Occidente, de que foi diretor até 1936, tornou possível aos espanhóis estarem informados dos problemas intelectuais mais relevantes e, graças à “Biblioteca da Revista de Occidente” e à “Biblioteca do Século XX”, incorporou no pensamento espanhol, mediante traduções cuidadas, as correntes mais vivas da filosofia europeia. Desse modo o castelhano foi a primeira língua em que se traduziram as Investigações Lógicas de Husserl, além de Max Scheler, Brentano, Dilthey e uma das primeiras em que se verteram obras fundamentais de Spengler, Freud, Von Uexküll, Herman Weyl, Einstein, Hegel, Fichte e outros” (Jose Ortega y Gasset, 1989, pp. 1270-1271).



pessoas que sofrem do mesmo sintoma e outro nível de conhecimento é conhecer o porquê ou a causa da doença (cf. A 1).

Tanto para Aristóteles (IV a.C./2004, A 1, E 1) como para Covian (1975/2007a, 1979), este tipo de saber que se pergunta pelo porque ou pela causa do fenômeno está na origem do conhecimento científico. Podemos dizer que, o conhecimento científico conforme apresentado até aqui é um certo tipo de conhecimento rigoroso que busca pela causa dos fenômenos. Porém, o conhecimento que pergunta pela causa *imediate* do fenômeno é um conhecimento de tipo particular, enquanto existe um tipo de conhecimento que se pergunta pelas causas primeiras ou supremas das coisas, este tipo de conhecimento é de ordem metafísica.

A relevância do saber filosófico para Covian, vem assegurada de modo inequívoco em “Ciência, técnica e humanismo” quando afirma que diante da nova concepção de ciência, configurada sob a influxo de uma demasiada tendência à especialização, faz-se necessário o cultivo de uma autêntica atitude filosófica. Para Covian (1975/2007a),

o conhecimento pelas causas primeiras, ou seja, profundo e universal, aparece como o antídoto da especialização em demasia, da fragmentação do saber e por conseguinte da deformação humana resultante de ver o mundo físico e espiritual através de um buraco e ingenuamente pensar que se está vendo toda a realidade (p. 53).

De fato, a filosofia já para os gregos é “amor à sabedoria”³ e dentre os seres vivos, o Homem é o único capaz de se perguntar pelas causas e pelo princípio das coisas. O Homem concebido por Aristóteles (IV a.C./2004) como “animal racional” - como um ser vivo dotado de razão e vontade livre - é o único que se orienta no conhecimento do “ser enquanto ser” (Γ 1, p. 131). A filosofia, vem compreendida como esta atitude natural do ser humano em investigar e conhecer o universo, suas estruturas, seu fundamento e princípio. Deste modo, temos a ciência do mundo físico e a ciência metafísica que abrange o ser na sua totalidade. Relativamente, existem as causas imediatas dos seres, objeto da ciência física e as causas universais, objeto da ciência metafísica.

2. Nova ciência e a crise da modernidade

Ainda em “Ciência, técnica e humanismo”, Covian (1975/2007a) faz um referimento a “ciência experimental, iniciada por Galileu no final do século XVI”, ao discutir a questão da “especialização do homem de ciência” (p. 52). Tal menção ao nascimento da *Nova Ciência* por

³ “O significado etimológico de ‘filosofia’ é ‘amor a sabedoria’. Às vezes se traduz ‘filosofia’ por ‘amor ao saber’. Porém, como os gregos - inventores do vocábulo ‘filosofia’ - distinguiam com frequência entre o saber, enquanto conhecimento teórico, e a sabedoria, enquanto conhecimento, às vezes teórico e prático, próprio do sábio. É necessário ter em conta em cada caso a que tipo de conhecimento se refere o filosofar” (Mora, 2009b, p. 1270). *Tradução nossa.*



Galileu se deve ao fato de sua relevância no surgimento do novo paradigma científico e do novo *status* da recém redescoberta cultura clássica grega no confronto da nova ciência⁴.

O aspecto metodológico de Galileu que suscitou grande interesse “até tornar-se um lugar comum” (Maiocchi, 1995, p. 279) foi o abandono da pesquisa de natureza essencial e das causas últimas, para limitar-se à descrição dos nexos constantes entre os fenômenos. Assim, por exemplo, no estudo dos movimentos dos corpos, seu interesse orientou-se em direção às “causas próximas” do movimento, estando convencido que a gravidade era o fator causal essencial do movimento, “eliminando cada explícito referimento as ‘causas’ do movimento natural para limitar-se a descrever os ‘sintomas’” (Maiocchi, 1995, p. 277).

Galileu foi “o primeiro a propor-se de realizar algumas experiências quantitativas para controlar de maneira crítica e metódica as próprias ideias, inaugurando assim uma nova era para a ciência, aquela da matematização através da mensuração” (Maiocchi, 1995, p. 280), possibilitando um tempo de progressiva prosperidade à ciência experimental na medida que permitia passos relevantes no controle de informações e posteriormente, no emprego prático derivante. A característica particular da *Nova Ciência*, que uniu a observação sensível dos fatos ao rigor dedutivo da matemática atraiu grande interesse, abrindo e assegurando a *nova ciência* uma posição segura na arena do conhecimento.

3. Especialização em demasia

A crítica sustentada por Covian em “Ciência, técnica e humanismo” está particularmente orientada aos desdobramentos históricos que conduziram os “homens de ciência” a uma demasiada especialização induzindo a pensar que a parte da realidade que a ciência estuda é a realidade total das coisas. Segundo Covian (1975/2007a), “é um pecado intelectual pretender reduzir a riqueza extraordinária do ser a um determinado setor do conhecimento experimental” (p. 52). Por isso, Covian (1975/2007a) insiste sobre a necessidade de uma real complementaridade do conhecimento para um efetivo processo de humanização da ciência, sob o risco de uma “mutilação intelectual” (p. 53).

Tal exigência de complementaridade encontra, fundamentalmente, sua motivação e justificativa na vida humana mesma, pois ao interrogar-se, indo além da própria constituição física, isto é, retrocedendo da física até a vida originária, o homem descobre seu próprio *eu* que não é físico, e percebe que “a física é uma das inúmeras coisas que ele encontra na sua

⁴ “O século que assinala o fim do período medieval e o nascimento da idade moderna não conhece ainda a ciência moderna. Aquilo que caracteriza o século XV, do ponto de vista do pensamento científico, não é tanto o nascimento da nova mentalidade científica, quanto a tomada de consciência dos limites da cultura antiga. Se o século XIV tinha sido o século da entusiasta descoberta do mundo da cultura clássica, no século XVI se assiste a definitiva reapropriação daquela cultura mas também o reconhecimento da sua dificuldade e da sua incapacidade a afrontar e a resolver [as novas questões]. Os intelectuais do século XVI estudaram a fundo os cientistas antigos, mas assim fazendo se renderam conta da necessidade de andar além (...)” (Maiocchi, 1995, p. 210, tradução nossa).



vida de homem” (Ortega y Gasset, 1994, p. 41). Assim, rende-se conta da necessidade de orientar-se em busca de verdades que não são somente físicas ou científicas, mas verdades que são completas e verdadeiramente últimas.

Em “Ciência, técnica e humanismo”, Covian (1975/2007a) testemunha que “encontrei em minha vida notáveis homens de ciência, inclusive Prêmios Nobel, que me impressionaram pelo conhecimento profundo de sua especialidade mas não me impressionaram como sábios”. Segundo ele, isso se deve à diferença entre a “sapiência” e o “saber experimental”. Pois, o saber experimental “move-se em superfície constatando, medindo e explicando fenômenos e adquirindo domínio sobre um aspecto restrito da realidade. Procura as causas segundas”. Já a sapiência que “não é especializada (...) abre-se para a realidade total em busca das causas primeiras e integra e sintetiza os diversos setores do conhecimento” (p. 53).

Segundo Ortega y Gasset (1994), “onde termina a física não se esgota a questão; o homem que indaga sobre a ciência necessita de uma verdade integral e, queira ou não, para a constituição da sua própria vida, se forma uma concepção global do Universo” (pp. 39-40).

Citando Ortega y Gasset, Covian (1975/2007a) discorre sobre o “especialismo em ciência” (p. 53) – que está na base dos avanços da ciência experimental - cuja consequência tem sido a produção de “bons e às vezes excelentes homens de ciência, mas não homens cultos”, quando este não vem compensado por uma verdadeira atitude filosófica. A proposição coviana se fundamenta no fato, que ele atribui à uma autêntica formação cultural o cuidado aos diferentes aspectos do conhecimento e às diferentes dimensões do ser humano. De fato, para Covian (1975/2007a), o termo humanismo significa “tendência do homem à sua plenitude, ativando todas as suas potencialidades”⁵ (p. 53), sendo que uma formação universitária que se limita ou se contenta com uma formação meramente técnica e parcial não forma verdadeiras pessoas, mas somente caricaturas destas.

Desde um ponto de vista histórico, Ortega y Gasset nos oferece uma chave de leitura interessante para adentrar no problema do especialismo em ciência. Porém, aprofunda novos aspectos do problema referindo-se ao cientismo, sobretudo, aquele que se configurou na segunda metade do século XIX, cuja pretensão absolutista do seu referencial metodológico apregoava à ciência física a faculdade de resolver todos os problemas humanos, inclusive aqueles metafísicos e religiosos.

⁵ Para Covian, neste processo de desenvolvimento exerce função especial a cultura, pois é por meio dela, como ponto de partida, que o homem pode chegar aquilo que deve ser. Covian insiste na importância que ocupa a família e as demais instituições sociais no processo formativo de uma pessoa, destacando o papel da universidade como “centro de formação humanística” e não como mero centro de formação de técnicos e profissionais. Segundo ele, “a universidade como centro de cultura deve ‘levar o homem a pôr em jogo suas potencialidades para atingir a VERDADE, a BONDADE e a BELEZA, ou seja, aqueles valores que fazem vibrar a natureza humana como um diapasão” (cf. Covian, 1977/2007b, pp. 65-66; Candido M. & Massimi, M. 2010, p. 2, grifo do autor).



Conforme Ortega y Gasset (1994), na base de uma grande mudança epocal está, não meramente a invenção de uma nova ideia ou de um novo sentimento, mas a presença de “uma massa de homens” que adota uma certa ideia e vibra por um certo sentimento, pois “sem esta predisposição radical, espontânea da massa, cada orador seria um orador no deserto” (p. 15). Assim, as mudanças históricas pressupõem o nascimento de um homem mais ou menos diferente daquele da geração precedente.

Para Ortega y Gasset (1994), na raiz do triunfo da mentalidade cientista europeia, vivida como “terrorismo intelectual do laboratório” (p. 23), não esteve somente a constatação da “maravilha intelectual” que é a física, com seu duplo critério de certeza - o rigor dedutivo da matemática unido ao estudo dos corpos - mas “uma terceira peculiaridade vem a exaltar desmedidamente este modo de conhecimento. Resultou que as verdades físicas, nas suas qualidades teóricas, possuíam a condição de ser utilizável em favor das conveniências vitais do homem” (p. 20). Diversamente do mundo grego, já o burguês do século XIX, cuja vocação não era à vida contemplativa, quis estabelecer-se comodamente no mundo, modificando-o ao seu prazer.

Por isso, a idade burguesa estima-se primeiramente pelo triunfo da industrialização e, em geral, das técnicas úteis a vida, como o são a medicina, a economia, a administração. A física conquistou um prestígio incomparável porque de si derivava as máquinas e a medicina. As classes médias se interessaram por ela não por curiosidade intelectual, mas por interesse material. Em tal atmosfera se produziu aquilo que podemos chamar, o “imperialismo da física” (Ortega y Gasset, 1994, p. 20).

Em “Ciência, técnica e humanismo”, Covian (1975/2007a) diz acreditar que “felizmente, o especializado homem de ciência está saindo de seu hermetismo, porque a ciência que não é especializada nem hermética, lhe está indicando uma abertura” (p. 54), uma vez que as “velhas concepções positivistas e mecanicistas” não estão capazes de responder às novas perspectivas abertas pelo avanço da ciência.

Em “Ciência e religião” Covian (1979) diz que

esta atitude de prudência e humildade teve sua origem em descobertas científicas do século XX que abalaram o mito positivista, iniciaram uma crítica da própria ciência (...). Principalmente dois fatos levaram a esta revisão que quebrantou o princípio mecanicista-determinista: as noções de ‘quanta’ de energia (Max Planck, 1940) e a teoria da relatividade (Einstein, 1905). O princípio de indeterminação de Heisenberg foi um duro golpe para a física clássica e para a filosofia determinista fundamentada nela (p. 2).

Ortega y Gasset (1994), discorre sobre a mesma problemática apontada por Covian, indicando a necessidade de renovação dos princípios da física como a causa de sua abertura e reforma. Contudo, Ortega y Gasset, vê nesta necessidade de modificação não um sinal de falta de firmeza de uma ciência, mas justamente o contrário. Ele diz:



a física crescia e nos últimos cinquenta anos atingiu uma amplitude e perfeição tal, um grau de precisão e uma esfera de observação tão grande que foi justo reformar os seus princípios (...). Isso causou a 'crise dos princípios' de que hoje sofre a física, e que é uma aventureira crise de crescimento. Não sei porque frequentemente atribuímos a palavra crise um significado triste; crise não é sem mudanças intensas e profundas; pode ser uma mudança pior, mas também melhor, como no caso da crise atual da física⁶ (p. 27).

4. Fé como modalidade do conhecimento

Segundo Covian (1979), em "Ciência e religião", acresce-se ao conhecimento sensitivo e ao conhecimento científico, seja ele físico ou metafísico, uma outra modalidade de conhecimento significada sob o termo *fé*. Para Covian, fé é um modo indireto de conhecimento "apoiado na autoridade de quem é honesto, merece confiança e é veraz, ou seja, quem diz a verdade" (p. 6). Para ele, grande parte do saber humano se baseia neste tipo de conhecimento uma vez que não se costuma repetir passo a passo os experimentos já realizados e creditados como verdadeiros. "Eu aceito que o átomo seja formado por elétrons e um núcleo com prótons e nêutrons, que existem os quarks, etc" (p. 6).

Para Covian, ciência e fé são duas modalidades do saber, distintas e autônomas, como "duas avenidas do conhecimento", cada uma com sua respectiva importância. Ambas se exigem mutuamente, sendo que de uma harmoniosa relação de complementaridade se atinge um conhecimento profundo e total da realidade.

A crise da modernidade é que nos levou a uma falsa ideia de que o saber científico experimental e o saber pela fé se antagonizam numa irremediável incompatibilidade. A absolutização metodológica do conhecimento de tipo experimental levou a crença de que "tudo aquilo que a ciência não demonstra de acordo com seus métodos está totalmente destituído de fundamentação e, por conseguinte, de credibilidade" (Covian, 1979, p. 6). Como consequência de tal exasperação, verificou-se ainda na modernidade, um distanciamento institucional entre a ciência e a religião, enfraquecendo seu recíproco e equilibrado intercâmbio.

Segundo Covian (1979), a filosofia positivista de Augusto Comte⁷, com sua demasiada confiança na ciência e no progresso, "transformou-se em metafísica" (p. 6), e a atitude anti-

⁶ Sobre a revisão dos princípios, Ortega y Gasset cita o empenho dos físicos em percorrer um caminho filosófico, pois segundo ele, para renovar o solo da física é necessário apoiar-se no subsolo e por isso os físicos são obrigados a filosofarem sobre a própria ciência. "Desde Poincaré, Mach e Duhem até Einstein e Weyl, com seus discípulos e seguidores tem se constituído uma teoria do conhecimento físico devido aos próprios físicos. É claro que todos receberam grande influência do passado filosófico (...)". (Ortega y Gasset, 1994, p. 28).

⁷ Augusto Comte (1798-1857); "o positivismo de Comte constitui uma doutrina orgânica, não somente no aspecto teórico, mas também e muito especialmente no prático. O propósito de Comte não é, entretanto, erigir uma nova filosofia ou estabelecer as ciências sobre novas bases; é proceder a uma reforma da sociedade. Porém, a reforma da sociedade implica necessariamente a reforma do saber e de método, pois o que caracteriza uma sociedade é



metafísica do século XIX, que pretendeu fazer desta um substituto da religião, adorando-a como se costuma fazer diante de uma divindade, tratou de eliminar dos ânimos tal inclinação natural pelas verdades últimas e divinas. Para ele,

quando não aceita o Deus revelado, cria seu próprio deus que se metamorfoseia com nomes diferentes: ciência, ateísmo, materialismo, etc. Por suposto que este movimento positivista tratou de terminar com o Deus da Revelação. Aqui estão as origens do conflito moderno entre Ciência e Fé (Covian, 1979, p. 7).

Num contexto assim constituído, A. Comte, o “filósofo da burguesia”, expressou em sua clássica fórmula o significado do conhecimento: “*Science, d’où prévoyance; prévoyance, d’où action*”, isto é, o significado do saber é o prever, e o significado do prever é tornar possível a ação. A ação – entendida como vantajosa – tornou-se o critério da verdade do conhecimento. Ainda em *Discurso sobre o espírito positivo*, A. Comte sustentou a ideia que “a técnica regimenta a ciência, e não o contrário” (Ortega y Gasset, 1994, p. 22). Deste modo, o raciocínio correto vem determinado pelos resultados práticos e seguindo tal princípio, torna-se a utilidade o fator que determina a busca pela verdade; deixando de ser a verdade o elemento motivador de novas descobertas, substituída pelo interesse por novas aplicações práticas.

5. Abertura teológica

Um outro sentido atribuído por Covian ao termo fé é aquele característico da religião, que entrevê na complexidade do universo criado a existência de um Ser Absoluto, inteligente e organizador, que dispõe as coisas segundo princípios teleológicos. Tal perspectiva corresponde a um aspecto testemunhal e pessoal que caracteriza a trajetória científica e acadêmica de Covian, uma vez que encontrou nas perguntas religiosas um fator decisivo para suas vivências como cientista. De fato, Covian (1979, 15 de julho) testemunha que

jamais encontrei oposição entre ambos tipos de conhecimento, nem limitação alguma, pelo contrário houve um enriquecimento mútuo (...). Com a Religião esquivei-me do perigo do cientificismo, ampliando por conseguinte o horizonte do conhecimento, houve maior abertura (...) e evitei fazer da Ciência um substituto da Religião (p. 8).

justamente para Comte a altura do seu espírito, o ponto que chegou em seu desenvolvimento intelectual. Daqui o sistema de Comte compreende três fatores básicos: em primeiro lugar, uma filosofia da história que há de mostrar porque a filosofia positiva é a que deve imperar no próximo futuro; em segundo lugar, uma fundamentação e classificação das ciências assentadas na filosofia positiva; por último, uma sociologia ou doutrina da sociedade que, ao determinar a estrutura essencial da mesma, permita passar à reforma prática e finalmente, à reforma religiosa, à religião da Humanidade” (Mora, 2009a, pp. 608-609, tradução nossa).



Para Covian (1979, 15 de julho), o conhecimento analítico característico da ciência experimental que disseca a realidade, decompondo-a em “peças cada vez menores”, exige em contrapartida, o conhecimento de tipo sintético próprio da religião, onde partindo da base atomizada “nos levava ao vértice do cone do conhecimento onde tudo se unifica, adquire harmonia, significação, visão de totalidade” (p. 8). Assim, a realidade vem contemplada em seus aspectos de superfície e de profundidade, em seus constitutivos físicos e essenciais. O real recupera o seu fascínio, liberando-se da fria concepção mecanicista que concebe o mundo como a soma de elementos justapostos e vem indagado o “Espírito que unifica e dá sentido a pluralidade do Universo” (p. 8).

Para Covian, outro contributo importante oferecido pela religião diz respeito ao sistema de valores que deriva da aceitação de que há um Deus criador, uma vez que este conhecimento penetra intimamente a nossa humanidade, transformando “minha vida” e modificando substancialmente a “minha visão de mundo”. A ciência por si mesma “não compromete nem modifica meu comportamento”, pois é “externo a mim mesmo” e não possui valor normativo. Segundo Covian (1979, 15 de julho), a ciência não estabelece uma hierarquia de valores; já a religião “preenche esta lacuna e completa o cientista porque este apreende através da realidade visível uma face invisível que compromete sua vida por ser normativa e valorizante. O mistério atrai tanto o cientista como o homem de fé” (pp. 7-8).

Tal perspectiva adotada por Covian aponta para um estimulante horizonte reflexivo referente ao fato se é desprovido de sentido interrogar se a razão objetiva que se manifesta na natureza não pressupõe uma Razão criadora, um princípio originante incausado, conforme advertia a intuição do próprio Aristóteles.

Conclusão

As proposições humanísticas presentes no pensamento de Covian foram estimuladas e alimentadas através do contato com importantes autores da tradição filosófica. Covian encontrou, particularmente, no pensamento filosófico de Aristóteles e Ortega y Gasset uma estreita comunhão espiritual e teórica que o ajudou a condensar em diversos artigos, um rico conjunto de ideias e intuições capazes de oferecer pistas para a superação da atual crise humanística na formação universitária.

Sua visão integral do ser humano, constituído em suas dimensões física e espiritual e a correspondente abertura teológica, é o eixo a partir do qual também se alargam suas considerações sobre a realidade em geral, que igualmente compreendida como realidade complexa e multidimensional exige uma articulação e complementaridade dos saberes, sendo estes tão somente a expressão das diversas potencialidades anímicas do ser humano.

A ciência, a filosofia e a teologia aparecem no pensamento de Covian como modalidades do conhecimento que essencialmente não se contrapõem, pois cada área do



saber - com suas respectivas metodologias - investiga um certo aspecto da realidade e se convergem quando se aproximam da Verdade.

A abertura holística à realidade é considerada por Covian como exigência ontológica da pessoa, sendo que toda vez que tal “apetite” não encontra um correspondente, cresce a insatisfação interior. Deste modo, se esclarece a razão, pela qual para estes autores em questão o problema do conhecimento humano é de capital gravidade ocupando um papel decisivo no conjunto de suas reflexões.

Referências

- Aristóteles (2004). *Libro A della metafísica* (G. Reale, Trad.). Em G. Reale. *Introduzione, traduzione e commentario della Metafisica di Aristotele* (pp. 1-67). Milano: Bompiani. (Originais do século IV a.C.).
- Candido, M & Massimi, M. (2010). Perspectivas para uma formação humanística do estudante universitário no pensamento de Miguel Rolando Covian. *Memorandum*, 19, 210-224. Recuperado em 08 de setembro, 2012, de <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a19/candidomassimi01>
- Covian, M. R. (1979, 15 de julho). Ciência e religião. *O Estado de São Paulo, Suplemento Cultural*, 6-8.
- Covian, M. R. (2007a). Ciência, técnica e humanismo. Em A. Hoffmann & M. Massimi (Org.s). *A universidade pensada e vivida por Miguel Rolando Covian* (pp. 51-63). São Paulo: Funpec. (Original publicado em 1975).
- Covian, M. R. (2007b). Cultura humanística do estudante universitário. Em A. Hoffmann & M. Massimi (Org.s). *A universidade pensada e vivida por Miguel Rolando Covian* (pp. 64-72). São Paulo: Funpec. (Original publicado em 1977).
- José Ortega y Gasset [Verbetel]. (1989). Em *Logos enciclopédia luso-brasileira de filosofia* (Vol. 3, pp. 1270-1271). Lisboa: Verbo.
- Maiocchi, R. (1995). *Storia della scienza in occidente*. Firenze, Itália: La Nuova Italia.
- Mora, J. F. (2009a). *Diccionario de filosofia* (Tomo I). Barcelona, Espanha: Ariel.
- Mora, J. F. (2009b). *Diccionario de filosofia* (Tomo III). Barcelona, Espanha: Ariel.
- Ortega y Gasset, J. (1994). *Cos'è filosofia?* (A. Savignano, Trad.) Genova, Itália: Marietti. (Original publicado em 1957).



Nota sobre o autor

Marcos Candido é mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo/RP; mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma; doutorando em Filosofia pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma. E-mail: mcandidus02@hotmail.com

Data de recebimento: 27/11/2013

Data de aceite: 27/02/2014